



Paulo Maló investe 30 milhões de euros em Macau. A clínica abre em Agosto e está integrada no Venetian, o maior casino do mundo

Jackpot em Macau

Macau reúne grandes investimentos de empresas portuguesas. A economia cresce quase 30% e há inúmeras oportunidades. Basta fazer como os melhores e orientar-se para o luxo

Texto Rosália Amorim, em Macau



Só o hotel do Venetian tem 3 mil quartos. Nos primeiros 17 dias recebeu 1 milhão de visitantes. A suite real custa 3500 euros por noite

Macau – em chinês Ou Mun – cheira a dinheiro e tem o som das moedas a cair das *slot machines*. Os casinos inebriam esta economia que enriqueceu após 2002, com o fim do monopólio do jogo. As receitas desta actividade subiram 46,6%, em 2007. E os especialistas do sector dizem que o crescimento será de 20% a 30% em 2008. David Green, consultor de casinos da PricewaterhouseCoopers, diz que crescimentos desta escala darão a Macau mais do que as receitas de jogo de Las Vegas e Reno, no Nevada (que foram 8,7 mil milhões de euros, em 2007). “Isso fará com que se torne o mais importante território de jogo do mundo.” E avança: “Com a abertura dos casinos norte-americanos, a vinda de muita gente que antes não frequentava Macau e do segmento VIP, no seu conjunto, vão crescer.”

A China, que tem Macau nas suas mãos desde 1999, deverá manter o princípio de “um país, dois sistemas”, até 2049. Esta é a terra da liberdade para os chineses, o único local em todo o país onde podem jogar nos casinos. Apostam tudo em busca do sonho. E é também nesta península que dezenas de empresas portuguesas investem e ambicionam crescer 30% ao ano. Um argumento de peso.

Maló e os pacientes chineses

Paulo Maló, presidente e CEO do Malo Clinic Health Group, é um desses casos. “O que me leva a investir em Macau é o potencial do mercado do sudoeste asiático e a quantidade de pacientes desta área geográfica que tem recorrido à clínica de Lisboa”, explica. A clínica está a ser instalada no maior casino do mundo, o gigantesco Venetian.

“Há uma grande falta de tratamentos de alta qualidade, é uma zona populosa e a crescer em termos de rendimento *per capita*”, diz Paulo Maló. As recentes previsões da OCDE dizem que em 2030 o rendimento de cada chinês estará um terço acima da média mundial e que a China será a maior economia global em 2015, em termos de PIB (Produto Interno Bruto), ultrapassando os Estados Unidos. “Os clientes virão, sobretudo, da China →

AS ATRACÇÕES ASIÁTICAS

Estão em construção mais 21 hotéis e casinos. Em 2010 haverá 60 mil quartos

CASINOS

As receitas brutas dos jogos totalizaram 7,1 mil milhões de euros em 2007. Há 11500 slot machines e 4 mil mesas de jogo. É um território rico. Cada casino paga 35% sobre a facturação, mais os prémios anuais de concessão e contribuições especiais para o desenvolvimento. A representação do jogo na estrutura industrial local rondou 35%, em 2005.

As empresas que dominam o negócio são Stanley Ho (18 casinos) Vegas Sands (dono do gigante Venetian e do Sands), Galaxy Resorts, Wynn Resorts e PBL-Melco, que pretende construir o primeiro casino subaquático do mundo, em Macau.



TURISMO

Macau recebeu 27 milhões de turistas em 2007, vindos da China (54%), Hong-Kong (31,5%) e Taiwan (6,5%). Há 50 hotéis e 30 pensões, ao todo 16 500 quartos (em Las Vegas há 150 mil quartos), e, em 2010, serão 60 mil, já que estão em construção 21 hotéis.

Segundo um estudo da PATA – Associação de Agências de Turismo da Ásia Pacífico, até final de 2010, haverá mais 500 milhões de turistas na Ásia e as receitas do sector chegarão a 3,2 mil milhões de euros. Os portugueses são só 20 mil por ano. Costa Antunes, director do Turismo de Macau, lembra que “em Las Vegas a receita do jogo é inferior a 50% do total da receita bruta dos casinos. Já em Macau é 80%. É preciso alterar isso e aumentar o tempo de permanência em Macau de uma noite para três noites”.





Ruben Cabral, reitor em Macau

CATÓLICA CONSTRÓI CAMPUS GLOBAL

Um investimento de 35 milhões de euros para estrear em 2009

A Universidade Católica está a erguer um campus universitário em Macau, vocacionado para a investigação, "com 1,5 hectares e 36 mil metros quadrados de construção, num investimento de 35 milhões de euros. Deverá inaugurar na Primavera de 2009", explica o professor e reitor, Ruben Cabral. "O objectivo é ter 2 mil alunos. Em 2006 tivemos 300 e em 2007 o dobro." O projecto é desenvolvido em parceria com a Diocese de Macau. "Queremos que seja um projecto global com 20% a 30% de alunos vindos dos países ocidentais, outro tanto da China e o resto de Macau", afirma o reitor. "Teremos parcerias com escolas americanas, allás já estamos a fazer uma com a Universidade de Denver, e faremos com as da América Latina e da China." Ruben Cabral, antigo professor na Católica, em Portugal, e residente 21 anos nos Estados Unidos, foi para Macau em 2003 para refundar o Instituto Interuniversitário de Macau que existe hoje. Onde já é leccionado o único curso de Teologia reconhecido pelo governo chinês.

→ continental e Hong-Kong, para cirurgia plástica, oftalmologia, reabilitação oral e *check-up* de saúde, e é um mercado com muitos desdentados totais", revela.

O investimento é cerca de 30 milhões de euros. A Malo Clinic Macau "ocupa 35 mil metros quadrados, em blocos de operações, salas de espera e zonas de lazer, como o SPA". E revela: "A abertura está prevista para Agosto de 2008."

O grupo Malo facturou 70 milhões de euros, em 2006, dos quais 49 milhões foram realizados em 12 países estrangeiros.

A quem quiser entrar em Macau, Miguel Crespo, 39 anos, actual delegado do Aicep em Macau e ex-quadro da Agência Portuguesa do Investimento, aconselha: "O importante é focar-se no segmento *premium* e ter uma linguagem de acordo com os hábitos chineses, o que passa por mostrar o desafogo económico e ter alguma ostentação." E adianta: "Este território acolheu muito bem a integração na China e está a crescer a ritmos inimagináveis." E mais: Macau é a montra para 10 milhões de multimilionários chineses", onde gostam de se mostrar na indústria do jogo.

A Malo Clinic representa o investimento português mais recente em Macau, logo a seguir à fábrica Olá Café, do grupo Pereira Coutinho, no valor de 25 milhões de euros, e já está em testes de produção. Fica na zona fronteiriça, a 500 metros da China, e beneficiou de vantagens fiscais. Em Macau, os benefícios destinados a

projectos considerados de interesse para o território são de 50% a 100% de isenção nas várias taxas.

CESL Asia, a grande lusitana

A CESL Asia é a maior empresa não financeira em Macau. Gere, por exemplo, serviços que fazem funcionar o aeroporto e o Venetian. "No projecto do aeroporto temos um contrato importante de *facilities management* (FM), no qual o governo pretende investir mais de 1000 milhões de euros na expansão. E temos serviços de FM e gestão de energia para os grandes *resorts* integrados, em desenvolvimento pelos operadores de jogo. Tal como temos o projecto do metro ligeiro de Macau (investimento do governo, cuja primeira fase se estima ser de cerca de 1000 milhões de euros). E ainda projectos de desenvolvimento das infra-estruturas ambientais", explica António Trindade, presidente da

CESL Asia, criada há 20 anos, que pertence ao grupo Netasia liderado por Netto de Almeida, e conhecido em Portugal por deter o *resort* Campo Real, em Torres Vedras. Entre 1999 e 2007 a equipa cresceu de 100 para 350 pessoas. As vendas foram de 29 milhões de euros o ano passado.

Macau é a montra para 10 milhões de multimilionários chineses. Se quer investir oriente o seu negócio para os ricos

António Trindade, presidente da CESL Asia, instalada na principal avenida de Macau. Nos últimos cinco anos a facturação da empresa cresceu 20% ao ano e o Ebitda 30%



Macau é a rampa de lançamento para negócios do outro lado das Portas do Cerco, ou seja, na China. A CESL Asia já lá investe e no futuro quer "estabelecer a Orizon em Macau e também desenvolver resorts integrados na China", adianta.

A força da Hovione

A farmacêutica portuguesa Hovione também não é uma estreante. Adquiriu recentemente 75% do capital da chinesa Zhejiang Hisyn Pharmaceutical. Um investimento de 13 milhões de euros. A tomada de controlo da Hisyn, que já era sua fornecedora de matérias-primas, vai traduzir-se num aumento da capacidade de produção e na redução de custos. A Hovione vai passar a produzir ali produtos até agora fabricados na unidade de Loures, e a Hisyn servirá de plataforma de entrada em novos mercados emergentes, como a China, Índia e Brasil, onde o factor preço é decisivo. A fábrica de Macau tem 20 anos e ali é feita um terço da produção total.

A nível global, as vendas somaram 93 milhões de dólares, em 2006 (hoje, cerca de 59 milhões de euros), mais 12% do que no ano anterior. Em termos de facturação, Lisboa é a primeira a pesar na balança, seguida de Macau (cuja unidade tem crescido 5% nos últimos anos) e em terceiro vem Nova Jérсия.

Hoje "dos medicamentos aqui produzidos 10% são vendidos nos Es-

tados Unidos e 15% no Japão", diz Jorge Pastilha, director-geral da Hovione, que no ano passado trocou Portugal pela Ásia. "Actualmente 50% das matérias-primas que compramos para todo o grupo vêm da China. Macau permite-nos ter uma base de custo competitiva e, por vezes, ganhar tempo obviando regulamentações europeias", revela.

Efacec chega a toda a Ásia

Também a Efacec viu aqui "uma porta para o Oriente, tendo Macau servido como *hub* para a actividade do grupo nesta região", explica João Oliveira e Sousa, *managing director* da Efacec Ásia-Pacífico, criada em 1988 e sediada em Macau.

Actua na área de electromecânica e tem no seu portefólio de fornecimentos produtos tão distintos como *baggage handling* do aeroporto de Macau ou transformadores de potência. "O trabalho da Efacec neste mercado concentra-se nas áreas da manutenção e venda de produtos *made in* Portugal, sendo os clientes empresas como o Banco Nacional Ultramarino (grupo CGD), o Bank of China (Hong-Kong), a Companhia de Electricidade de Macau, entre outras." A companhia tem também *joint-ventures* com empresas localizadas na China, Malásia, Singapura e Índia. Ao todo a equipa tem 400 funcionários.

Os negócios angariados, em 2007, atingem cerca de 2,6 milhões de euros, no entanto "não nos podemos esquecer de que o *turn-over* das empresas da região Ásia-Pacífico, nas quais a Efacec tem participação, é de aproximadamente 50 milhões de euros. E face ao ano de 2006, "o *turn-over* aumentou mais de 20%, em 2007", diz o executivo. →

Jorge Pastilha trocou a Hovione em Portugal pela unidade fabril de Macau, onde é director-geral. Os seus maiores fornecedores de matéria-prima estão na China



SOCIEDADE

Não há desemprego em Macau e os níveis de criminalidade são baixos, até porque, como os locais afirmaram à EXAME, "os problemas inerentes às fortunas perdidas no jogo não ficam em Macau." Essas pessoas voltam para a China. "São, por vezes aldeias inteiras que ficam destroçadas. Muitas juntam as poupanças da população e confiam-nas ao ancião para ir jogar em Macau." Sair de lá rico ainda é um sonho.



SALÁRIOS

São mais de 36 mil os trabalhadores remunerados na indústria do jogo. Entre 2005 e 2006 esse valor cresceu cerca de 40%. A remuneração média rondava 1400 euros, em 2006, ou seja mais 24% do que no ano anterior. E em 2007 já ia nos 1800 euros. Valor aplicável a um empregado de tesouraria, fiscal de banca ou *croupier*. Logo, muitos jovens estão a abandonar a escola para trabalhar nos casinos e a falta de mão-de-obra qualificada já é problemática (veja caixa "Faltam talentos").



LUXO, MUITO LUXO

"Se quer vencer em Macau oriente o seu negócio para o luxo." Ouvimos constantemente esta expressão sempre que entrevistámos empresários em Macau. Afinal, nesta península os hotéis são de superluxo, os carros são topo de gama, as lojas das grandes marcas estão todas ali, e a da Louis Vuitton, por exemplo, é das que mais factura em toda a Ásia. Além disso, os helicópteros enchem o céu ao pôr do Sol quando chegam os grandes jogadores vindos da China continental.



FALTAM TALENTOS

Uma nova geração de portugueses está a emigrar para Macau

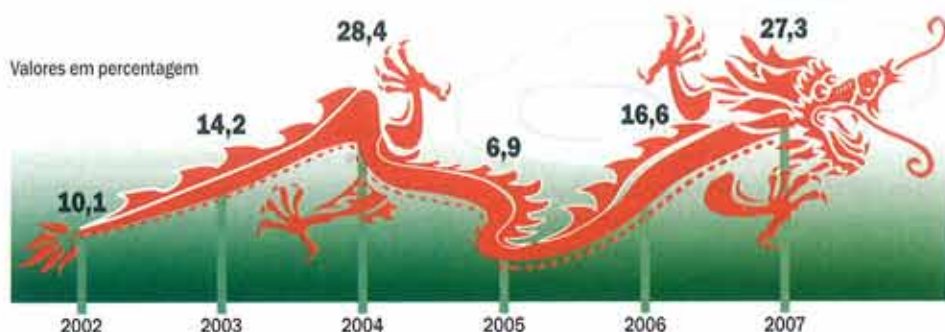
Advogados como Susana Batalha e Óscar Madureira, arquitectos como Jorge Silva, engenheiros como José Guilherme e jornalistas como Marta Melo têm chegado a Macau nos últimos dois anos, a maioria com 25 a 28 anos de idade, à semelhança de jovens australianos e americanos. Em Portugal não conseguiram emprego. Lá são bem pagos. Na função de direcção o valor é 30% a 40% mais em relação a Portugal. "O desemprego é de 3% e o equivalente ao IRC e IRS é muito baixo (o imposto complementar sobre rendimentos varia entre 3% e 12% e o imposto profissional oscila entre 7% e 12%) e não há IVA." E os empresários entrevistados revelam que os salários subiram 30% a 50% nos últimos três anos. Até nos casinos o ordenado base ronda 1800 euros. "Há muitas oportunidades para jovens talentos portugueses que queiram emigrar", afirma Miguel Crespo, delegado do Aicep em Macau. No território assiste-se a outro fenómeno novo: as mulheres de executivos que, muitas vezes, ficavam em casa estão a ir para o mercado de trabalho por valer tanto a pena. Hoje os portugueses são cerca de 3 mil, e os locais 513 mil.



Miguel Crespo, 40 anos, é delegado do Aicep em Macau, Hong-Kong e Sul da China

PIB ao rubro

O crescimento do produto interno bruto de Macau surpreende o mundo ano após ano



Fonte: Brochura Macau em Números, 2007.

→ No futuro, "o Metro de Macau é sem dúvida um dos projectos que queremos desenvolver. Afinal, a Efacec é a única empresa do ramo electromecânico, presente neste território".

Na área dos serviços, a Tecproeng Macau, ali desde 1984, actua em serviços de engenharia, tendo como *core business* as instalações especiais que vão desde a gestão de energia aos esgotos. Laborou no novo posto fronteiriço das Portas do Cerco, na Ponte Sai Van (terceira ponte entre Macau e a Taipa), nos casinos Wynn e Grand Emperor. A equipa tem apenas "25 pessoas" entre técnicos locais de etnia chinesa e expatriados com origem em Portugal e nas Filipinas", refere João Godinho, director da Tecproeng Macau. "O futuro afigura-se esperançoso. Para além dos grandes empreendimentos associados ao jogo, espera-se a retoma das grandes obras de infra-estruturas governamentais."

Outra empresa forte é a PAL AsiaConsultant, de consultoria de engenharia. Integrada no PCG (Portuguese Consulting Group), opera na "expansão do aeroporto e os dois terminais marítimos", explica Ilídio Seródio, presidente do grupo PCG. Só em Macau, onde a firma está desde 1978, factura 6,4 milhões de euros, e a nível global 32 milhões. É o único grupo português de engenharia no top 200 do sector, segundo o *Engineering News Record*, cuja classificação é baseada na internacionalização das empresas e volume de negócios, explica o presidente. O PCG tem empresas no Brasil, Hong-Kong, Angola, Moçambique e

Bahrain. E revela: "Estamos a apostar na Indonésia e a Arábia Saudita."

Incontornável é também a ConsulAsia – Consultores de Engenharia e Gestão, que entrou neste mercado há seis anos, e é detida a 100% pela Consulgal. A equipa tem 30 pessoas e teve de conquistar a pulso a posição que tem no mercado perante a crescente influência das empresas chinesas e a entrada das companhias internacionais de engenharia trazidas pelas sociedades de jogo americanas, revela Hélder Santos, um dos responsáveis da empresa. Este é uma das cinco sucursais que tem pelo mundo, representando Macau 7,5% da facturação global do grupo.

Dificuldades de entrada? Um mercado desconhecido, salários altos, falta de quadros, e uma língua difícil

TI portuguesas

A Chipidea também se rendeu a Ou Mun. A subsidiária Chipidea Microelectrónica foi criada em 2002. "A forte ligação à Universidade de Macau e a diversas universidades no Sul da China foram determinantes para criarmos ali um centro de engenharia da Chipidea", explica o presidente José Epifânio da Franca. Ali faz a "concepção de circuitos e sistemas electrónicos integrados", envolvendo 38 pessoas, mais 30% de engenheiros do que no ano anterior. E no futuro admite "fazer de Macau o centro regional do grupo para a Ásia". E tem ainda um centro em Suzhou, Xangai, com 25 engenheiros.

Quanto a volume de negócios, "as subsidiárias da Chipidea são centros de engenharia e pesquisa. O único centro de negócios é Portugal. O mercado asiático (excluindo →

→ Japão), isto é, China, Taiwan, Coreia do Sul, Singapura e Hong-Kong, representa 20% das vendas.” Em 2006 a facturação global foi 20 milhões de euros.

Já para a YDreams a presença não durou muito. “Estivemos lá dois anos a trabalhar, sobretudo, para Hong-Kong, mas decidimos localizar a empresa em Xangai”, explica o CEO António Câmara. “Saímos simplesmente porque Xangai é um mercado muito maior e em que os nossos parceiros já actuam.” Neste caso, Macau tornou-se pequeno de mais.

O poder da banca

O Banco Nacional Ultramarino (BNU), detido pelo grupo Caixa Geral de Depósitos, data de 1902. “É um banco comercial e partilha com outra instituição a função emissora das notas de banco da Região Administrativa Especial de Macau.” Actua junto de particulares, mas a sua força é próximo das “empresas que exploram hotéis, casinos, convenções e exposições”, diz Herculano Sousa, presidente da comissão executiva do BNU. Assim, “o grupo CGD tem uma posição dominante numa indústria muito importante da República Popular da China”. Ali trabalham 386 empregados. “Entre 2002 e 2006 os resultados líquidos mais do que quintuplicaram.” E

em 2007 terão crescido “mais 20%, com um contributo na ordem dos 4% a 5% dos resultados consolidados do grupo”.

Em parceria com o BNU actua a Companhia de Seguros Fidelidade Mundial, desde 1999. “Funciona de modo articulado com a área bancária, para um número limitado de clientes, particulares e empresas”, explica Eugénio Ramos, administrador da Caixa Seguros.

O Banco Espírito Santo também está lá com o BES Oriente (Besor) há 12 anos. Apoia empresas em “investimentos locais no turismo e imobiliário, bem como em infra-estruturas na China, Hong-Kong e Índia”, explica José Morgado, CEO. Em 2006 o resultado operacional foi de cerca de 1,5 milhões de euros, mais 61,3% do que no ano anterior. O resultado líquido cresceu 31%, atingindo cerca de 1,2 milhões de euros. Já o BCP e o BPI só têm pequenos escritórios *offshore*.

Quanto vale um parceiro local

Várias empresas lusitanas estabeleceram *joint-ventures* em Macau. É o caso da aliança entre a portuguesa João Jacinto Tomé e a E&E, desde 1997. “A E&E é uma empresa de engenharia a operar na construção e no sector das *utilities*.” Carlos Leiria, director-geral, diz que “a vanta-



Herculano Sousa, presidente da comissão executiva do BNU, emissor de patacas

gem essencial desta aliança, do ponto de vista da E&E, é ter um parceiro acessível, de elevado suporte técnico”.

Em matéria de parcerias, a PT tem aliança com a Companhia de Telecomunicações de Macau, onde detém 28% do capital. AEDP tem na Companhia de Electricidade de Macau 21,2% do capital, mas representa só 1% do resultado líquido da EDP, diz o administrador, Pita de Abreu. A presença deve-se à proximidade com a China, mercado eléctrico de grande dimensão e com vigoroso crescimento, o qual tende a oferecer boas oportunidades. O presidente do conselho de administração da CEM, José Vaz Marcelino, acrescenta que a empresa tem um contrato de concessão exclusiva para produzir, importar, distribuir e vender electricidade em Macau até 2010. E adianta: “Estima-se que o consumo duplique entre 2005 e 2010. A CEM emprega 720 pessoas e o resultado líquido ronda 35,9 milhões de euros.”

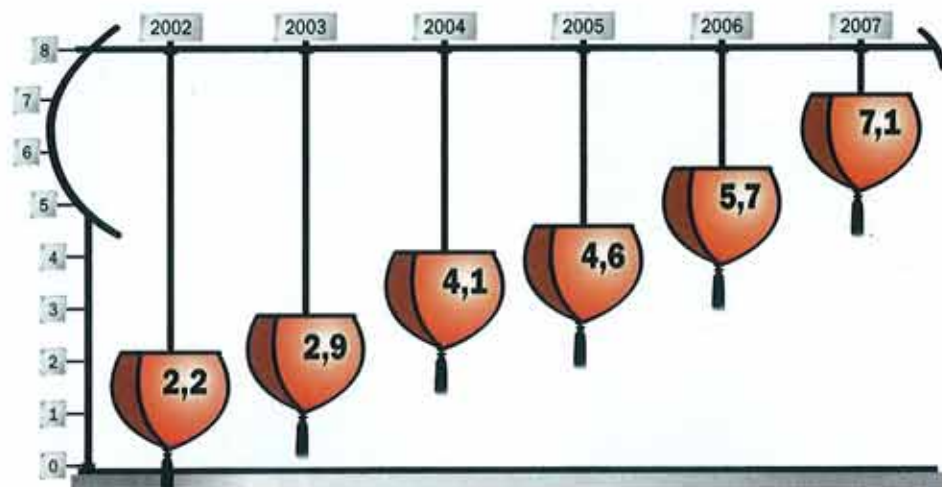
O Instituto Superior da Qualidade também lá está, através do Instituto para o Desenvolvimento e Qualidade, Macau (IDQ), desde 1997, que tem parceria com sete instituições locais. “Permite-nos a transferência de tecnologia e abre-nos a um mercado mais abrangente”, diz Carlos Costa, director.

É caso para dizer que só falta marcar pontos na hotelaria. Apesar das intenções das Pousadas de Portugal e do grupo Pestana, não há nenhum projecto lusitano. Segundo o delegado do Aicep, “Macau já faz concorrência a Hong-Kong na organização de congressos. E há oportunidades inequívocas para a hotelaria portuguesa, *shoppings*, marcas *lifestyle* e eventos de lazer e culturais.” Um desafio a considerar. ■

Um verdadeiro jackpot

As receitas brutas dos jogos de fortuna ou azar continuam a subir. Este tipo de entretenimento representa 99,44% do total da indústria do jogo macaense

Valores em mil milhões de euros



Fonte: Brochura Macau em Números, 2007.